

O PAPEL DA HEMOTERAPIA IMPACTANDO POSITIVAMENTE NA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTE COM DOENÇA FALCIFORME E ÚLCERAS CRÔNICAS DE MEMBROS INFERIORES – RELATO DE CASO

PG Moura, MS Simão, C Rebello, RL Lima, M Augusto, IG Cláudio, L Avelar, LA Nunes, F Akil

Grupo GSH, Brasil

Resumo: Relato de caso de paciente de 44 anos com Doença Falciforme (DF) sem tratamento otimizado, com úlceras crônicas de membros inferiores desde 2017 e que, após o início do programa de transfusões de troca obteve melhora expressiva e resolução quase completa, mudando a trajetória da sua vida pessoal e social. **Introdução:** A manifestação cutânea mais comum em paciente com DF é a úlcera maleolar. São lesões dolorosas, podem ser extensas, de difícil tratamento e cicatrização, comumente infectadas e redicivantes. A patogênese da úlcera parece ser multifatorial, sendo alguns desses fatores: precipitação das hemácias falcizadas com ocorrência de vaso oclusão de micro vasos, hemólise intravascular, formação de micro trombos locais com deposição de fibrina na luz do vaso e liberação de citocinas pró inflamatórias. As úlceras cutâneas trazem impactos físicos, psicológicos e sociais na vida do paciente, deixando-o muitas vezes incapacitante. **Relato do caso:** Paciente de 44 anos, masculino, negro, ex-bancário, com diagnóstico de DF SS aos 7 anos de idade após múltiplas internações por crises vaso oclusivas. Em 2014 iniciou uso de hidroxiureia. Em 2017, surgiu uma úlcera perimaleolar em membro inferior esquerdo. Em novembro/ 20, foi internado por STA pós COVID grave, ficando em ventilação mecânica e evoluindo com hipertensão pulmonar grave e aumento da úlcera em membro inferior. Desde então, paciente internou inúmeras vezes, por descompensação do quadro respiratório e necessidade transfusional. Em Janeiro/ 23, evoluiu com nova úlcera em membro inferior direito, sendo ambas úlceras extremamente dolorosas, profundas, extensas, por vezes infectadas, secretivas e fétidas, nunca resolvidas. Devido às limitações que as úlceras lhe trouxeram e à má qualidade de vida, o paciente relatou tentativas de autoextermínio, levando ao afastamento da vida social e profissional. Em fevereiro/24, paciente chegou ao ambulatório de hemoterapia bem debilitado, com Hb em torno de 5 g/dl, usando cadeira de rodas por dificuldade de deambulação, com dor importante em úlceras extensas. Foi, então, submetido inicialmente a transfusões simples de hemácias filtradas e fenotipadas devido à anemia grave, e posteriormente, iniciado programa de transfusões de troca mensais no qual se mantém atualmente. Após o início das transfusões de troca a úlcera do MID cicatrizou por completo (fechamento em junho 2024) e a do MIE já se apresenta bem menor, superficial, menos dolorosa, e o paciente já deambula sem auxílio e refere melhora importante na qualidade de vida, com diversos projetos para o futuro. **Discussão:** As úlceras maleolares se destacam entre os agravos crônicos de difícil resolução em pacientes com DF, acometendo cerca de 20% dos portadores da doença, adultos jovens e podem permanecer abertas por anos. Levam à alta morbimortalidade, quadros graves de

infecção, sangramento, dor crônica e complicações osteoarticulares. Além da dificuldade do manejo em si, os pacientes portadores de úlceras crônicas vivem grandes impactos em outras dimensões da vida como profissional, sentimental e social. Muitos desenvolvem transtornos psiquiátricos, potencializados por preconceitos e rupturas sociais. Em nosso relato de caso, com a otimização do tratamento da DF com as transfusões de troca, presenciamos a melhora da qualidade de vida do paciente, melhora da saúde mental e o retorno do mesmo para as atividades sociais e para o convívio família.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1432>

EMBASAMENTO TEÓRICO SOBRE REAÇÕES TRANSFUSIONAIS PARA MÉDICOS GENERALISTAS

TM Fonseca, MDRAN Silva, M Lucena

Ynova Pós, Imperatriz, MA, Brasil

O objetivo principal deste estudo é investigar o perfil e a frequência das reações transfusionais em pacientes atendidos em um hospital do interior do Maranhão, bem como avaliar o conhecimento e a prática dos médicos generalistas em relação ao manejo dessas reações. **Metodologia:** Este estudo investigou o perfil de reações transfusionais em pacientes atendidos em um hospital do interior do Maranhão, com o objetivo de fornecer subsídios para aprimorar a prática transfusional, garantindo o bem-estar dos pacientes e demonstrando a eficácia de estratégias preventivas neste contexto clínico específico. Tratou-se de uma pesquisa quantitativa, na qual foram coletados dados sobre as principais reações transfusionais em pacientes do hospital, bem como sobre o conhecimento dos profissionais de saúde a respeito dessas reações e do manejo correto. Os dados foram coletados por meio de prontuários e questionários aos profissionais de saúde que atuam diretamente nas reações transfusionais. Quanto a epidemiologia dessas reações, de acordo com uma pesquisa feita em um hospital de urgência em Goiânia entre 2015 e 2019, foram notificados 84 casos de reações transfusionais onde 72 foram incluídos na pesquisa na qual a reação transfusional mais frequente foi a reação febril não hemolítica seguida da reação alérgica. **Resultados:** O estudo identificou que as reações transfusionais mais frequentes no hospital do interior do Maranhão foram as reações febris não hemolíticas, seguidas das reações alérgicas. Embora os médicos generalistas possuam algum conhecimento sobre essas reações, há uma lacuna significativa no manejo adequado. Comparações com dados de um hospital de Goiânia reforçam a necessidade de monitoramento rigoroso e educação continuada para melhorar a prática transfusional e minimizar complicações. O diagnóstico, além de clínico, baseia-se nos achados laboratoriais e para o tratamento assertivo da reação e de exames a serem solicitados necessita da identificação correta do tipo de reação a ser tratada e de todo quadro clínico do paciente. Em conclusão, o estudo ressalta que um monitoramento mais rigoroso das reações transfusionais pode auxiliar na identificação precoce dos sintomas, possibilitando uma intervenção mais rápida e adequada para minimizar potenciais complicações.

Dessa forma, o estudo contribui para uma melhoria contínua da prática transfusional e aperfeiçoamento dos protocolos de transfusão no hospital estudado.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1433>

PREVALÊNCIA DE REAÇÃO TRANSFUSIONAL ALÉRGICA EM PACIENTES DE GINECOLOGIA/ OBSTETRÍCIA

LCA Holanda^a, VBSC Sampaio^a, IYS Caitano^b, WF Lotas^b, VS Paula^{c,d}, IG Fortes^{a,c,d}

^a Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth, Boa Vista, RR, Brasil

^b Claretiano - Pólo Boa Vista, Boa Vista, RR, Brasil

^c Laboratório de Virologia e Parasitologia Molecular, Instituto Oswaldo Cruz (IOC), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^d Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical, Instituto Oswaldo Cruz (IOC), Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Objetivo: A prática da transfusão apresenta riscos e o monitoramento das reações transfusionais é crucial para garantir a segurança e a eficácia das transfusões, sobretudo na área de ginecologia/obstetrícia. **Objetivo** do estudo foi analisar as reações transfusionais ocorridas no ano de 2022 no Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth, em Boa Vista, Roraima. **Materiais e métodos:** Estudo descritivo e observacional. Os dados foram coletados dos registros realizados durante o ano de 2022 pela agência transfusional do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth (HMINSN). As variáveis incluídas foram tipo de reação, hemocomponente transfundido, ABO/RhD, faixa etária e bloco da instituição onde as reações ocorreram. Foi realizado cálculo de frequências e porcentagens de cada variável. **Resultados:** No período de 2022 foram realizadas 2220 transfusões no HMINSN e notificadas 23 (1%) reações transfusionais, destas, as reações alérgicas foram as mais frequentes, com 9 casos (39%), seguidas por reações febris não hemolíticas, com 6 casos (26%). Reações de sobrecarga volêmica ocorreram em 3 casos (13%), enquanto aloimunização foi registrada em 2 casos (9%). Houve 1 caso de reação hemolítica aguda (4%), 1 caso de dor aguda relacionada à transfusão (4%) e 1 caso de outras reações (4%). Em relação aos hemocomponentes, o Concentrado de Hemácias (CH) foi o mais frequentemente envolvido, com 18 casos (78%), seguido pelo Plasma Fresco Congelado (PFC) com 5 casos (22%). Quanto à tipagem sanguínea, a maioria dos pacientes com reações transfusionais era do tipo O+ com 16 casos (70%), seguido por A+ com 4 casos (17%), B+ com 2 casos (9%) e O Negativo com 1 caso (4%). A análise das faixas etárias mostrou que a maioria dos pacientes estava na faixa de 21 a 35 anos, com 13 casos (57%), seguidos por pacientes com mais de 36 anos, com 8 casos (35%), e pacientes com menos de 21 anos, com 2 casos (9%). A maioria das reações ocorreu no bloco Margaridas, com 18 casos (78%), seguido pelos blocos Violetas (centro cirúrgico) com 4 casos (17%) e

Rosas com 1 caso (4%). **Discussão:** Os resultados mostram que a maioria das reações transfusionais foi de natureza alérgica e febril não hemolítica, com as reações alérgicas representando a maior proporção. O Concentrado de Hemácias foi o hemocomponente mais frequentemente associado a reações transfusionais, sugerindo a necessidade de monitoramento cuidadoso durante a administração deste hemocomponente. Com relação ao ABO/RhD, os indivíduos com tipo O+ foram os mais afetados, seguidos pelos tipos A+ e B+. A análise das faixas etárias indicou que a maior parte dos pacientes com reações transfusionais estava na faixa de 21 a 35 anos, o que pode refletir a distribuição etária dos pacientes transfundidos ou a suscetibilidade a reações nessa faixa etária específica. Além disso, a maioria das reações ocorreu no bloco Margaridas, o que pode apontar para uma maior carga de transfusões nesse bloco ou outras características específicas que merecem investigação adicional. **Conclusão:** Os dados deste estudo ressaltam a importância do monitoramento contínuo das reações transfusionais para melhorar a segurança dos pacientes. A prevalência de reações alérgicas e febris não hemolíticas, bem como a alta frequência de reações associadas ao Concentrado de Hemácias, sugere áreas específicas para intervenções de melhoria da qualidade.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1434>

RECUPERAÇÃO INTRAOPERATÓRIA DE SANGUE AUTÓLOGO REDUZ O USO DE SANGUE ALOGÊNICO EM PACIENTES SUBMETIDOS A TRANSPLANTE HEPÁTICO

IC Freitas^a, L Sekine^a, SMC Jacques^b, TGH Onsten^a

^a Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), Porto Alegre, RS, Brasil

^b Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil

Objetivo: Descrever a experiência de 10 anos com a autotransfusão (recuperação intraoperatória de sangue) em pacientes adultos submetidos a transplante de fígado. **Materiais e métodos:** Foi realizado um estudo de coorte retrospectiva, de 272 pacientes submetidos a transplante hepático entre 2010 e 2021. Recuperação intraoperatória de sangue autólogo foi disponibilizado a todos os pacientes. Foi analisado: idade, sexo, MELD, óbito, recuperação intraoperatória de sangue autólogo (volume infundido). **Resultados:** Foram transplantados 272 pacientes sendo que 15 retransplantes foram realizados posteriormente. A mediana de idade dos pacientes transplantados foi de 56 anos, 43,2% do sexo feminino. A mediana do escore MELD foi de 16. A taxa de óbitos no período de estudo foi de 34,2% (93 óbitos). A recuperação intraoperatória de sangue, foi realizada em 92,2% das cirurgias. O volume total de hemácias autólogas reinfundidas foi de 307.175 ml, com uma média de 752 ml por cirurgia (variação de 0 a 8901 ml). O volume de sangue autólogo re-infundido corresponde a 1.239 unidades de concentrados de